

João Manuel de Oliveira
Centro de Investigação e de Intervenção Social

Lígia Amâncio
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social

Resumo: Este artigo visa analisar o contributo das teorias feministas para as epistemologias e práticas metodológicas das ciências sociais, nomeadamente da psicologia social. Partindo da apresentação das propostas feministas da Terceira Vaga para as ciências e da epistemologia dialógica das representações sociais, discutimos as possibilidades de uma conceptualização assente nos conhecimentos situados para o desenvolvimento de saberes científicos emancipatórios. Assim, analisaremos o modo como os conhecimentos situados e os desafios que colocam podem engendrar uma mudança nas práticas científicas da psicologia social e das ciências sociais.

Palavras-chave: teorias feministas; representações sociais; conhecimentos situados; psicologia social; epistemologias.

Copyright © 2006 by Revista Estudos Feministas.

A crítica feminista à ciência na Terceira Vaga do Feminismo

Uma das principais preocupações do feminismo de Terceira Vaga tem sido a crítica feminista à ciência e os estudos feministas da ciência.¹ Animadas por um espírito crítico e reflexivo, essas críticas emergem a partir dos anos 1970² e estendem-se a quase todas as disciplinas do conhecimento científico. Logo no pós-guerra, Simone de Beauvoir³ empreende uma série de críticas aos pressupostos androcêntricos quer da filosofia, quer da ciência e da sua persistência em apresentar uma visão

¹ Conceição NOGUEIRA, 2001 a.

² Evelyn KELLER, 1996.

³ BEAUVOIR, 1949.

do mundo centrada na qualidade referencial do masculino e da alteridade do feminino.

A evidência de que a maioria dos cientistas são homens,⁴ a denúncia do androcentrismo⁵ na produção científica⁶ e a preocupação em construir modelos de ciência politicamente implicados⁷ são alguns dos pressupostos da crítica feminista à ciência. Igualmente, a transição do modelo das cientistas 'excepcionais e excluídas', até a emergência do movimento das mulheres, para passarem a ser uma 'minoría tolerada', a partir dos anos 1970, apesar das permanências nessa mudança,⁸ contribuiu para a emergência dessa reflexão feminista sobre a ciência.

Deve-se a Sandra Harding⁹ uma primeira tipologia dos modelos de crítica feminista à ciência, estruturando esse campo de estudos. Dessa forma, para o empirismo feminista, o cerne de preocupação é a discriminação e sub-representação das mulheres na ciência. A manutenção das metodologias positivistas permite apresentar evidências inquestionáveis dessa sub-representação, mantendo assim intocados os valores da neutralidade e da objectividade. Ou seja, consiste em fazer ciência mantendo os valores dominantes da cultura científica tradicional. Portanto, a solução para essa sub-representatividade consiste nas medidas de acção afirmativa e também em medidas de atracção de jovens licenciadas para a investigação, em uma tentativa de aumentar a representação das mulheres nas disciplinas. Os principais questionamentos que têm sido colocados a essa linha de orientação são essencialmente a manutenção das crenças positivistas fora do escrutínio da crítica feminista, a operacionalização dessa proposta, bem como o seu carácter a-político, uma vez que continua a funcionar dentro do paradigma da ciência normal¹⁰ sem analisar as teorias e métodos imbuídos de androcentrismo. Nas palavras de Harding, o empirismo feminista implica que

o sexismo e o androcentrismo poderiam ser eliminados dos resultados da investigação, se os cientistas simplesmente seguissem de forma mais rigorosa e cuidadosa os métodos existentes e as normas de pesquisa.¹¹

Já no caso das teorias do *standpoint*,¹² herdeiras directas do feminismo radical,¹³ as mulheres cientistas são consideradas oprimidas pela comunidade científica, também ela patriarcal. Antes de serem cientistas, partem de um determinado posicionamento na hierarquia social (etnicidade, sexo, classe, orientação sexual, nacionalidade, etc.). Esse posicionamento é, pois, lido de forma a ser integrado na investigação propriamente dita. Assim, as

⁴ KELLER, 1996.

⁵ "Refere-se às práticas que baseiam teoria e prática na experiência dos homens, mascaradas de experiências 'humanas' e que contam como fontes de conhecimento 'generalizadas' e inquestionáveis" (Lorraine CODE, 2000, p. 20, tradução nossa).

⁶ Helen LONGINO e Ruth DOELL, 1996.

⁷ KELLER, 1996.

⁸ AMÂNCIO, 2005.

⁹ HARDING, 1986 e 2004.

¹⁰ Thomas KUHN, 1962.

¹¹ HARDING, 1996, p. 237, tradução nossa.

¹² Optamos por não traduzir o conceito, à semelhança de NOGUEIRA, 2001a. Uma tradução aproximada poderia ser "teorias do posicionamento" ou do "ponto de vista", como fazem Sofia NEVES e Conceição NOGUEIRA, 2005.

¹³ Kate MILLET, 1969; e Shulamith FIRESTONE, 1969.

¹⁴ Como veremos, a contextualidade do conhecimento é uma das heranças das teorias do *standpoint*, que é utilizada por Donna HARAWAY, 1991b, para o seu conceito de conhecimentos situados (*situated knowledges*) e por HARDING, 1996, para a concepção da objetividade forte (*strong objectivity*).

¹⁵ Carol GILLIGAN, 1997, para um exemplo dessa abordagem das *Women's Voices*.

¹⁶ NOGUEIRA, 2001 a.

¹⁷ NOGUEIRA, 2001 a; OLIVEIRA e AMÂNCIO, 2004.

¹⁸ HARAWAY, 1991a, p. 232, tradução nossa.

¹⁹ Bell HOOKS, 1981.

²⁰ Adrienne RICH, 1980.

²¹ Audre LORDE, 1984, e Gloria ANZALDÚA, 1987.

mulheres seriam as cientistas ideais para estudarem as mulheres, evidenciando um privilégio epistémico que adviria da sua própria condição feminina. O conhecimento é assumidamente parcial, contextualizado¹⁴ e experiencial. A ideia da experiência feminina e da necessidade de dar voz às mulheres¹⁵ é, pois, uma das maneiras de combater essa opressão patriarcal instalada na ciência. O desenvolvimento de teorias e métodos radicalmente diferentes dos convencionais-positivistas, assentes nos posicionamentos e nos percursos das mulheres, enfatiza a utilização das biografias, como forma de traduzir a experiência feminina e o modo único como olham o mundo. Das principais críticas a essas epistemologias, sobressaem o essencialismo e o conseqüente diferencialismo que preconizam, por estarem assentes num privilégio epistémico derivado da condição feminina, ou seja, da pertença ao grupo das mulheres.¹⁶

O pós-modernismo feminista é uma corrente de pensamento que se localiza na Terceira Vaga do feminismo e que vai buscar ao movimento pós-modernista e pós-estruturalista as suas principais influências.¹⁷ Rejeitando as propostas essencialistas e diferencialistas das teorias do *standpoint* e a abordagem a-política do empirismo feminista, essa linha crítica centra-se na construção genderizada do projecto da ciência moderna. Esse projecto político-ideológico serviu e serve a uma série de interesses e contribuiu para a eclosão e exclusão de determinados grupos, nomeadamente o grupo das mulheres. A própria ideia do grupo das mulheres enquanto categoria ontológica é posta em causa, dado que essa grande categoria ilude as divisões intracategoriais. Nas palavras de Donna Haraway,

Com o reconhecimento, tão arduamente conquistado, da sua constituição histórica e social, o género, a raça e a classe não podem constituir a base para a crença na unidade 'essencial'. Não existe nada no facto de ser 'fêmea' que vincule naturalmente as mulheres. Não existe sequer o estado de 'ser' fêmea, uma categoria em si mesma altamente complexa, construída em contestados discursos científico-sexuais e outras práticas sociais.¹⁸

É, pois, partindo desse pressuposto, dessa miríade de realidades que se escondem atrás da homogeneização categorial, que eclodiram os feminismos mais localizados, como sejam o feminismo negro,¹⁹ o feminismo lésbico,²⁰ entre outros, e mesmo feminismos que cruzam essas várias categorias, problematizando género, 'raça' e orientação sexual.²¹ São também esses feminismos que contribuem para a problematização que o(s) feminismo(s) pós-

moderno(s) vêm a fazer dessa categoria, que passa a ser entendida como uma construção social e ideológica, inserida nas grandes narrativas de legitimação.²² A definição de gênero desenvolvida por Haraway também é elucidativa no quadro dessa questão da emergência de feminismos localizados:

²² Jean-François LYOTARD, 1989.

O gênero é uma relação, não uma categoria pré-formada de seres ou algo que alguém possa ter na sua posse [...]. O gênero é a relação entre categorias de homens e de mulheres, constituídas de forma variada e diferenciada por nação, geração, classe, linhagem, cor e muito mais.²³

²³ HARAWAY, 1998, p. 28, tradução nossa.

²⁴ NOGUEIRA, 2001 a.

Essa relação entre feminismo e pós-modernismo é tensa, como evidencia Conceição Nogueira,²⁴ recorrendo às controvérsias entre adeptas e contestatárias dessa relação, pois o carácter relativista do pós-modernismo e a sua crítica às metanarrativas de legitimação podem inclusivamente pôr em causa o próprio movimento, dado que desconstrói o seu sujeito histórico: a mulher. Contudo, o feminismo pode também contribuir para balizar o relativismo, instaurando no centro do debate uma preocupação política partilhada pelas feministas: a desconstrução da grande narrativa do homem branco, moderno e ocidental.²⁵

²⁵ HARAWAY, 1991a.

Há assim uma preocupação em estabelecer uma agenda desconstrucionista,²⁶ politicamente orientada, e enfatizar o papel da linguagem na construção do gênero e do androcentrismo.

²⁶ Jacques DERRIDA, 1966.

A integração dos conceitos foucaultianos de poder, encarado como um poder difuso, construído nas interações e no discurso,²⁷ e de resistência permite ainda proceder à arqueologia da construção social do gênero e vê-lo como um discurso, uma *performance* incorporada de actos repetidos.²⁸ O gênero é, pois, entendido como uma ordem social,²⁹ que antecede o sexo e que fornece uma grelha de leitura e de *performance* para o próprio sexo.³⁰

²⁷ Michel FOUCAULT, 1975.

²⁸ Judith BUTLER, 1990.

²⁹ Robert CONNELL, 2002.

³⁰ Miguel VALE DE ALMEIDA, 2004. Veja-se a esse propósito a pertinente discussão que o autor faz do entendimento do gênero como performance em Judith Butler.

³¹ NEVES e NOGUEIRA, 2005; NOGUEIRA, 2001 a e 2001b; OLIVEIRA, 2002; OLIVEIRA e AMÂNCIO, 2004; e Sue WILKINSON, 2001.

³² HARAWAY, 1991b.

O papel da linguagem e do discurso na construção e difusão dessa ordem de gênero é estruturante e as investigações centram-se em métodos como a análise do discurso,³¹ que integram uma dimensão política, analisando o modo como gênero e poder são reconstruídos e reproduzidos na linguagem.

É partindo desse enquadramento na teoria feminista pós-moderna que Haraway³² desenvolve a sua crítica às epistemologias tradicionais da ciência. Recorrendo, para além da reflexão epistemológica feminista, às perspectivas construcionistas dos estudos sociais da ciência e tecnologia,³³ Haraway evidencia que os cânones tradicionais do método científico e da objectividade não são

³³ Karin KNORR-CETINA, 1981; e Bruno LATOUR e Steve WOOLGAR, 1988.

³⁴ HARAWAY, 1991a, já tinha integrado a ciência na ideia de regime de tecnociência, sem excluir, portanto, nem a dimensão tecnológica, nem as relações entre a tecnociência e a política no sentido lato e o carácter de constituição de um regime de verdade assente na lógica científica (ver também HARAWAY, 1998).

³⁵ FOUCAULT, 1975.

³⁶ HARAWAY, 1991b, p. 256, tradução nossa.

uma descrição adequada do modo como a ciência é feita. A exclusão das relações/redes de poder do conhecimento científico³⁴ faz parte da retórica da ciência e das suas narrativas de legitimação enquanto saber/poder e forma de poder disciplinar.³⁵ A objectividade é, pois, uma dessas estratégias discursivas e visa, por seu turno, estabelecer as verdades e os factos científicos.

Dessa forma, essas reivindicações de verdade de que se reveste a objectividade podem ser desconstruídas, evidenciando quer a sua contingência histórica, quer a sua consequente contestabilidade. Mas essa desconstrução, precisamente por ser balizada pela implicação política feminista, deve evitar, por um lado, cair no universalismo e por outro no relativismo. “O relativismo é um modo de estar em sítio nenhum, enquanto se declara estar igualmente em toda a parte”.³⁶ Tanto a totalização universalista como a negação de responsabilidade relativista impedem quer o escrutínio, quer a responsabilização pela construção do conhecimento. Assentes na lógica de uma visão deslocalizada, ambas as perspectivas obscurecem os pontos da rede onde o conhecimento é produzido. Tanto as visões infinitas como a visão simultânea de todos os pontos de vista são ilusórias.

Os conhecimentos situados são a proposta epistemológica de localização e de consideração da contextualidade do conhecimento, no quadro da sua produção. Ou seja, implica partir do princípio de que os conhecimentos têm um ponto de partida e de produção. E que se integrem na análise as condições de produção do conhecimento, os seus pressupostos, o *locus* da sua produção, em vez de se optar por aquilo que a autora chama “truque divino” (*God trick*), que obscurece o carácter localizado do conhecimento e o apresenta simultaneamente como um resultado final e como uma lei universal (seguindo os pressupostos positivistas), sem ser possível descortinar o processo nem a sua localização no mundo.

Os conhecimentos situados correspondem a uma incorporação dos saberes, partindo da opção pela responsabilidade na produção dos saberes e pela sua localização sócio-histórica. Assim, a objectividade na produção feminista assenta-se na parcialidade, no olhar contextualizado, em vez dos falsos universalismos da ciência positiva, indissociavelmente inscrita na metanarrativa patriarcal e moderna, em busca de verdades para a sua autolegitimação. A própria constituição de um *sujeito* que conhece não é unificada, como pretendiam as filosofias assentes na estrita separação entre sujeito e objecto. As subjectividades são múltiplas, localizadas e construídas, de

³⁷ Nem mesmo a da essencializada Mulher do Terceiro Mundo, que tem um particular privilégio no seu autoconhecimento, em algumas posturas das teorias do *standpoint* mais essencialistas.

modo que o próprio sujeito que conhece é parcial, ligando-se aos outros, por via da inter-subjectividade. Desse modo, não é a identidade³⁷ que estrutura a posição de quem investiga, mas sim a afinidade parcial. Em outras palavras, a própria objectividade reside na contextualização do conhecimento. Essa perspectiva demonstra a irracionalidade inerente à ciência positiva omnisciente e às crenças no dogma de uma objectividade que reside no método, que se comporta como religião, que utiliza truques divinos como a fetichização do método, para eliminar a localização e posição do conhecimento.

Teoria das Representações Sociais

³⁸ FARR, 1996.

Em uma obra sobre a história da psicologia social,³⁸ Robert Farr distinguiu duas formas específicas da disciplina: 1) as formas psicológicas, que se tornaram dominantes nos Estados Unidos e estão vinculadas aos valores do cepticismo e do individualismo; e 2) as formas sociológicas, baseadas na importância fundamental do outro e conseqüentemente do social para definir (e representar) o indivíduo.

³⁹ GRAUMAN, 1986.

O paradigma cartesiano foi bastante influente na forma psicológica da disciplina, permitindo aquilo a que Carl Grauman³⁹ chamou de individualização do social e dessocialização do indivíduo. A obra filosófica de Descartes opõe mente e corpo,⁴⁰ sujeito e objecto, ego e outro.

⁴⁰ Dualismo muito criticado nos estudos sobre o corpo como constatam Thomas CSORDAS, 1989; e VALE DE ALMEIDA, 1996.

Essas oposições podem ser encontradas quer na psicologia comportamentalista, quer na cognição social, que têm assim por base o mesmo paradigma, embora dissimulado em duas diferentes abordagens filosóficas: empirismo e racionalismo, como é bem demonstrado por Ivana Marková.⁴¹

⁴¹ MARKOVÁ, 1982.

Utilizando como unidade de análise o indivíduo, o percepiante (*perceiver*), o sujeito, essas abordagens da psicologia social falham na conceptualização do outro e da sua importância para a própria definição da identidade pessoal.⁴²

⁴² Serge MOSCOVICI, 1984.

⁴³ BAKHTIN, 1981.

Mikhail Bakhtin⁴³ propõe uma nova epistemologia para as ciências sociais e humanas, que podemos contrapor a essas propostas clássicas da psicologia social. Primeiro procede a uma distinção entre explicação (*erklären*) e compreensão (*verstehen*). A explicação só é possível num enquadramento em que se possa estabelecer a separação entre sujeito e objecto, o que acontece apenas quando o objecto é desprovido de voz (*voiceless*) ou discurso, como preferiria a psicologia discursiva. Contudo, os seres humanos não são desprovidos de voz, nem o é o seu pensamento. Conseqüentemente, o acto de conhecer inclui um diálogo entre dois ou mais sujeitos.

A proposta de Bakhtin tem implicações directas para as ciências sociais, que devem assumir uma compreensão activa desse diálogo, e em vez de uma análise que oponha sujeito e objecto, à boa maneira positivista e monológica, a cognição deve passar a ser encarada de forma dialógica, analisando as cognições em interacção, com diferentes racionalidades e intencionalidades em jogo. Assim, a epistemologia dialógica implica invalidar a distinção sujeito-objecto e as homologias self-sujeito e outro-objecto. Em vez disso, atribui ao outro o estatuto epistémico de outro sujeito.

Um exemplo dessa epistemologia dialógica na psicologia social é a Teoria das Representações Sociais. Moscovici⁴⁴ raciocina de modo semelhante quando concebe o chamado triângulo semiótico. Para o autor, a relação de conhecimento que importa estudar na psicologia social implica sempre a existência de um outro (o social) que condiciona o acto de conhecimento de um objecto. Estamos, pois, perante um projecto de análise da co-construção do conhecimento, rejeitando as análises cartesianas do conhecimento individual como a verdadeira racionalidade, classificando o conhecimento colectivo como irracional, relacionado com crenças e preconceitos e sujeito a enviesamentos. Podemos, assim, classificar essa proposta de Moscovici⁴⁵ como uma epistemologia dialógica.

Assim, a Teoria das Representações Sociais assenta-se em uma concepção do conhecimento como um processo de construção colectiva, em espaços de intersubjectividade,⁴⁶ rejeitando as metáforas emergentes das divisões ontológicas entre sujeito e objecto, assentes em epistemologias monológicas, excessivamente imbuídas de concepções individualistas do conhecimento, como é bem demonstrado por Farr.⁴⁷ Sandra Jovchelovitch⁴⁸ critica justamente as abordagens cognitivistas, pela sua inépcia em lidar com os processos de construção colectiva de significados e por considerarem que os sujeitos, que não se recordam e não percebem 'correctamente' (ou seja, de acordo com o que o investigador esperava como resposta correcta), incorrem em erros/enviesamentos (*bias*). Essas abordagens cognitivistas não levam em conta a actividade simbólica, isto é, a actividade de produção de significado. Também Moscovici⁴⁹ fez a crítica quer às posições do comportamentalismo, quer às posições do cognitivismo, por via da constatação do mecanicismo dessas perspectivas e sugerindo a metáfora da *machine à répondre* e da *machine à inférer* para descrever a representação do ser humano nessas perspectivas.

⁴⁴ MOSCOVICI, 1984.

⁴⁵ MOSCOVICI, 1984.

⁴⁶ Sandra JOVCHELOVITCH, 2001.

⁴⁷ FARR, 1996.

⁴⁸ JOVCHELOVITCH, 2001.

⁴⁹ MOSCOVICI, 1972.

Simultaneamente, esse projecto de reposicionamento da produção e reprodução do conhecimento como um processo generalizado e socialmente partilhado coloca uma questão de fundo, que a nosso ver é fundamental: a emancipação da psicologia social como disciplina autónoma das lógicas individualistas da psicologia e das lógicas estruturais da sociologia clássica. Ao reclamar a produção colectiva de conhecimento como objecto da psicologia social, Moscovici⁵⁰ atribui um objecto (a sociedade pensante) à disciplina, obrigando-a, em última instância, a adoptar o papel de Janus das ciências sociais,⁵¹ articulando níveis de análise em uma tentativa de encetar uma antropologia da cultura moderna.⁵²

⁵⁰ MOSCOVICI, 1989.

⁵¹ Retomando a metáfora feliz de Jean-Claude Deschamps, 1989.

⁵² MOSCOVICI, 1989, p. 34.

⁵³ JOVCHELOVITCH, 2002 e 2004.

A re-utilização do conceito de polifasia cognitiva⁵³ permite enfatizar a relação de interdependência entre representações sociais e contextos:

De um modo geral, podemos estimar que a coexistência dinâmica – interferência ou especialização – de modalidades distintas de conhecimento, que estabelece relações definidas entre o ser humano e o seu meio, determina um estado de polifasia cognitiva.⁵⁴

⁵⁴ MOSCOVICI, 1976, p. 286, tradução nossa.

⁵⁵ Como demonstram Sandra JOVCHELOVITCH e Marie-Claude GERVAIS, 1999.

⁵⁶ MOSCOVICI, 1976.

⁵⁷ JOVCHELOVITCH, 2002.

Esse conceito⁵⁵ foi criado por Moscovici⁵⁶ para dar conta da coexistência de diferentes racionalidades, presentes no mesmo indivíduo ou grupo. O uso particular de uma ou outra racionalidade dependeria do contexto e da intenção.⁵⁷ A polifasia cognitiva evidencia um grande potencial para esse projecto de estudo do conhecimento socialmente partilhado: para além da busca da harmonia, da consistência, da consonância cognitivas, a expressão das representações assume um carácter contextual e estratégico, dotando os seres humanos de agencialidade, ainda que dentro do quadro de uma estrutura social de conhecimento partilhado, que é usada de forma simultaneamente reflexiva e prática.

⁵⁸ MOSCOVICI E VIGNAUX, 1994.

⁵⁹ HOLTON, 1988.

Mais recentemente, Serge Moscovici e Georges Vignaux⁵⁸ adicionaram um novo conceito à teoria, baseado nos trabalhos de Gerald Holton⁵⁹ sobre ideias-chave que regulam a produção de novos conceitos dentro da comunidade científica, os "*themata*". Alargando o âmbito desse conceito, Moscovici afirma que "os *themata* são pedaços de conhecimentos, partilhados pelas pessoas, sobre os quais falam, de forma explícita ou implícita, e que tomam como garantidos".⁶⁰ Esse conceito traduz mais uma ligação das representações à linguagem. Os "*themata*" são ideias centrais a partir das quais criamos representações, por via de um passado histórico, que constantemente re-emerge nas transformações das

⁶⁰ MOSCOVICI. 2001, p. 31, tradução nossa.

⁶¹ Paula CASTRO e Isabel GOMES, 2005.

⁶² AMÂNCIO, 2003.

⁶³ OLIVEIRA, 2002.

representações sociais.⁶¹ Esse diálogo com o passado permite introduzir uma dimensão histórica nos estudos das representações sociais, alargando os seus objectos e contextualizando-os na história.⁶² Por exemplo, João Manuel de Oliveira⁶³ mostra como a Igreja Católica utiliza o *thema* da vida para ancorar o feto, opondo-lhe o *thema* da morte para ancorar o aborto e, dessa forma, legitimar com essas idéias-base de vida *versus* morte o seu discurso em relação ao aborto.

⁶⁴ MARKOVÁ, 2000.

A integração da linguagem, patente quer na preocupação com os "*themata*", quer na análise das modalidades ou géneros comunicativos,⁶⁴ não é descuidada, por via da relação entre representações e comunicação.

⁶⁵ JODELET, 1989, p. 36, tradução nossa.

A explicitação e apresentação desse quadro teórico permite-nos apresentar uma definição consensual do conceito de representações sociais desenvolvida por Denise Jodelet: "Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objectivo prático e que concorre para a construção de uma realidade comum a um colectivo".⁶⁵

Essa definição ilustra bem as potencialidades da teoria, que estuda o senso comum, olhando para a forma como essas representações têm uma finalidade prática e são usadas para construir uma realidade, em indivíduos que pensam no seio de sociedades pensantes.

⁶⁶ JOVCHELOVITCH, 2001.

⁶⁷ MARKOVÁ, 2000.

⁶⁸ AMÂNCIO, 2003.

Consideramos, como esperamos ter demonstrado, que a Teoria das Representações Sociais pode ser lida à luz das seguintes características-chave:

- 1) contextualidade da produção do conhecimento;⁶⁶
- 2) dialogismo e co-construção como base das cognições;⁶⁷
- 3) importância da dimensão histórica na produção do conhecimento.⁶⁸

No plano epistemológico, esses pressupostos permitem à Teoria das Representações Sociais:

⁶⁹ MOSCOVICI, 1984.

⁷⁰ FARR, 1996.

⁷¹ JODELET, 1989; e AMÂNCIO, 2003.

⁷² AMÂNCIO, 2003.

a) rejeitar o indivíduo como unidade de análise básica da psicologia social, sendo este substituído pela relação ego-alter-objecto;⁶⁹

b) optar por formas sociológicas da psicologia social;⁷⁰

c) enfatizar a dimensão simbólica da produção de significados;⁷¹

d) contextualizar o conhecimento na história.⁷²

Os desafios dos conhecimentos situados

⁷³ HARAWAY, 1991b.

A ênfase no carácter situado do conhecimento, no quadro da Teoria das Representações Sociais, parece ir ao encontro da proposta de Donna Haraway,⁷³ clarificada

no conceito de conhecimentos situados, nomeadamente nesse entendimento do conhecimento como um projecto partilhado e colectivo, criado nos contextos e na dinâmica histórica dos símbolos.

Contudo, essas propostas implicam alterações no próprio projecto do conhecimento científico, tal como vêm sendo apresentadas nas suas acepções mais positivistas. Encarando a contextualidade na produção de qualquer conhecimento, é evidente que não é possível continuar a aceitar a clivagem entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento. A ciência faz parte da dinâmica dos saberes e é feita por actores sociais, em contextos e instituições, como tem sido demonstrado nos estudos sociais da ciência.⁷⁴ Logo, e como nota Haraway,⁷⁵ a ciência é também localizada e situada, como também mostra Moscovici⁷⁶ na sua crítica à psicologia comportamentalista e cognitivista. O conhecimento científico não pode, pois, assumir-se como um conhecimento fora do mundo, universalmente válido e assente em leis gerais, por fazer um esforço evidente de se deslocalizar e universalizar, quando é, tal como todos os outros, um conhecimento situado. Aceitar o carácter situado do conhecimento implica, pois, rejeitar a proposta de Moscovici e Hewstone⁷⁷ de uma oposição fundamental entre o conhecimento reificado e o conhecimento consensual. O conhecimento científico apresenta diferentes formas de legitimação do conhecimento do senso comum. Contudo, deve ser admitido como igualmente verdadeiro o modo como sistemas de crenças e de juízos de valor interferem no pensamento científico, como tem sido amplamente demonstrado pela teoria feminista.⁷⁸ Boaventura de Sousa Santos afirma: “Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor, não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação”.⁷⁹

A constatação da falência da ciência assente no modelo da razão indolente,⁸⁰ que oculta e rejeita os modelos alternativos e as diferentes formas de pensar, fora da ciência moderna e ocidental, permite, pois, reivindicar um novo modo de produzir e pensar a ciência, não consonante com esse modelo do desperdício da experiência social.⁸¹

Sandra Harding⁸² desenvolveu três propostas para a ciência, elaboradas a partir da sua crítica às noções tradicionais da objectividade e que se posicionam contra esse modelo da razão indolente. Primeiro, o sujeito do conhecimento (quer o indivíduo, quer a(s) sua(s) comunidade(s), quer os seus pressupostos ocultos) deve ser colocado no mesmo plano do objecto do conhecimento

⁷⁴ Jorge JESUÍNO, 1995; KNORR-CETINA, 1981; e LATOUR e WOOLGAR, 1988.

⁷⁵ HARAWAY, 1991b.

⁷⁶ MOSCOVICI, 1972.

⁷⁷ MOSCOVICI e Milles HEWSTONE, 1984.

⁷⁸ Veja-se, por exemplo, Anne FAUSTO-STERLING, 1985 e 2000; e HARAWAY, 1989.

⁷⁹ SANTOS, 1988, p.52.

⁸⁰ SANTOS, 2003.

⁸¹ SANTOS, 2000.

⁸² HARDING, 1996.

e questionado como tal, promovendo, pois, uma ciência reflexiva. Uma segunda proposta diz respeito à dimensão política das ciências, dando voz aos que foram silenciados pela ciência *mainstream* e optando pela implicação política da ciência e pela rejeição da neutralidade aparente. A terceira proposta, intimamente ligada à segunda, diz respeito à clara opção pela ligação entre ciência e democracia, no sentido da promoção dos direitos humanos de todas e de todos.

É, pois, a partir dessas epistemologias críticas de uma ciência consonante com uma racionalidade indolente, que propomos, como modos de pensar uma epistemologia para uma psicologia social das representações sociais assente nos conhecimentos situados, as seguintes práticas e pressupostos (que ilustraremos com alguns exemplos de pesquisa, de várias tradições disciplinares):

a) Implicação política, em vez de falsos neutros. Os estudos de Anne Fausto-Sterling⁸³ sobre os modos como a ciência, nomeadamente a biologia, construiu mitos de género permitiram evidenciar como o paradigma positivista centrou-se em uma visão androcêntrica dos mecanismos biológicos, usando quer os homens, quer os machos de espécies animais como modelos para pensar humanos e animais. A desocultação desses pressupostos é feita por via de uma tomada de consciência feminista, e por isso politicamente implicada, que permite tornar evidente essa construção do masculino como referente universal, remetendo a sexuação apenas para as mulheres.⁸⁴

b) Contextualidade e localização, em vez de falsos universalismos. O estudo de Miguel Vale de Almeida⁸⁵ sobre a construção social da masculinidade em uma aldeia do Alentejo, em Portugal, analisa o modo como um regime de género é construído localmente, por via da reprodução social dos comportamentos, emoções e saberes, assumindo expressões contextuais específicas. A ilustração desse regime local de género, integrada por sua vez em uma ordem de género mais geral, mostra a necessidade de descodificar, simultaneamente, expressões locais e contextuais do género e a ordem hegemónica em que esses regimes se inscrevem.

c) Reflexividade e pluralidade metodológica, em vez de fetichismos metodológicos assentes nas *doxas* quantitativas da psicologia social *mainstream*. A crítica ao positivismo que vem sendo desenvolvida nas correntes mais discursivas da psicologia social, nomeadamente por via da análise do discurso, mostra possibilidades de fuga ao endoutrinamento imposto pela formação das/dos investigadoras/es, muito centrada nas metodologias quantitativas. Contudo, e do nosso ponto de vista, o

⁸³ FAUSTO-STERLING, 1985.

⁸⁴ A esse propósito, veja-se também AMÂNCIO e Oliveira, 2006.

⁸⁵ VALE DE ALMEIDA, 1995.

problema não reside nos métodos de investigação, mas sim nos usos que são feitos dessas metodologias. Não é pelo facto de serem quantitativos que esses métodos são inadequados ou desaconselhados. O problema é epistemológico, já foi diagnosticado por Karl Popper⁸⁶ e está relacionado com a operacionalização da psicologia, que mais depressa centra-se na idolatria do método do que na integração do método como parte de um processo mais vasto e mais abrangente de produção de saber e conhecimento. Assim, torna-se evidente a necessidade de recorrer a métodos qualitativos de forma mais sistemática e, sobretudo, de reflectir sobre a articulação entre o método, a teoria e o problema da investigação.

⁸⁶ POPPER, 1962.

d) Clarificação crítica de pressupostos, que orientam a produção do saber, em vez da aceitação de agendas e objectivos ocultos. As perspectivas críticas introduzidas na psicologia social, na sequência da substituição passiva do comportamentalismo pelo cognitivismo, sem questionar as práticas e os pressupostos comuns a ambos, como são o uso quase exclusivo do método experimental e a centralidade da construção individual de sentido,⁸⁷ tornaram evidente a necessidade de reflectir sobre os pressupostos que guiam as pesquisas. Assim, a necessidade de clarificação das agendas, em vez de serem mantidas ocultas, passou a integrar a dimensão de reflexão da própria pesquisa. Os estudos de género não são excepção nesse esforço e torna-se clara a importância de explicitar claramente que estes estudos não se centram apenas na produção de conhecimento, mas também na vontade expressa de promover processos de mudança social nas relações sociais de género. A própria ancoragem nas epistemologias feministas evidencia desde logo essa necessidade de clarificação, também ela ligada à importância da implicação política, como nos mostram Neves e Nogueira⁸⁸ na sua análise das metodologias feministas na psicologia social, que evidenciam o carácter ideológico da ciência e o modo como ciência e ideologia podem cruzar-se na perspectiva da mudança social.

⁸⁷ CASTRO, 2002.

⁸⁸ NEVES E NOGUEIRA, 2005.

e) Integrar o poder enquanto objecto de análise, em vez de o legitimar na produção científica. Os estudos de Conceição Nogueira⁸⁹ sobre as mulheres em *posições contraditórias* reflectem as contradições dos próprios discursos dessas mulheres em posições de elevado poder e estatuto. Essa autora analisou os discursos das mulheres em posições de chefia e distingue dois tipos de discurso: o discurso essencialista/individualista e o discurso colectivista/resistência. O primeiro caracteriza-se pela negação da discriminação sexual na trajetória de mobilidade ascendente, pela assunção da distintividade em relação

⁸⁹ NOGUEIRA, 1996.

às outras mulheres e aos homens e por uma legitimação meritocrática do sucesso profissional, misturando nesse espaço de individualização um discurso que acentua as dificuldades que se impõem a um indivíduo mulher e os obstáculos que resultam do papel feminino. Já o discurso colectivista/resistência evidencia uma perspectiva diferente: nesse caso as mulheres assumem a forte discriminação sexual de que foram e são alvo, vêem-se como membros de um grupo dominado e realçam as dificuldades que encontram para atingir uma posição de topo, sem que esse discurso afecte a avaliação das suas capacidades e a sua auto-estima. No que toca às estratégias de mudança social, este último discurso critica a ideologia dominante e refere a mudança social como muito importante. O discurso essencialista/individualista reproduz a ideologia dominante e o modelo tradicional feminino, configurando uma identidade 'super-mulher'. Essa perspectiva não permite a mudança, a não ser num quadro (individualista) de mobilidade social. Essas estratégias discursivas, particularmente o discurso essencialista/individualista, parecem revelar o esforço de adequação identitária à dupla pressão exercida na situação de elite discriminada: as mulheres diferenciam-se dos homens por serem mulheres e das outras mulheres pela posição social que ocupam, e aderem aos valores 'universais' para iludirem uma condição colectiva que não deixa de estar presente.⁹⁰ Esses diferentes usos e legitimações de um poder que advém da posição, e que simultaneamente contradiz a posição em que, supostamente, as mulheres deveriam ocupar na esfera do trabalho, foram integrados e analisados como objecto de estudo.

⁹⁰ AMÂNCIO, 1995.

f) A multiplicidade de vozes no conhecimento científico, em vez da monológica oposição sujeito/objecto. A ruptura introduzida pelo texto programático de Donna Haraway,⁹¹ o Manifesto Ciborgue, ilustra a importância da heteroglossia para a construção de saberes e reflexões feministas. A heteroglossia é outro conceito que devemos a Bakhtin⁹² e que se ancora na dimensão co-construída na linguagem. A heteroglossia está ligada ao modo como os discursos sociais são constituídos por uma multiplicidade de outros discursos, ligados a grupos e a relações de poder. O sonho irónico de Haraway, o ciborgue no mundo pós-género, fala-nos dessas várias vozes, emanadas de pontos diferentes, a construir não um discurso igual, mas uma poderosa e infiel heteroglossia. Esse programa de pesquisa, centrado nessa multiplicidade de discursos, vem sendo posto em prática em estudos de análise do discurso, escutando as vozes do/as participantes e mostrando o modo como esses discursos se diferenciam, ao mesmo tempo que se analisam os pontos de contacto entre as

⁹¹ HARAWAY, 1991a.

⁹² BAKHTIN, 1981.

⁹³ MARQUES, 2005.

várias vozes. Os estudos de António Marques⁹³ sobre as culturas profissionais e as masculinidades evidenciam esse jogo entre variabilidade e consenso, entre vozes que por vezes são uníssonas e outras vezes, contraditórias.

Sem esses pressupostos, presentes na produção do conhecimento científico, a proposta dos conhecimentos situados ficaria muito limitada, do ponto de vista das suas potencialidades para a pesquisa psicossociológica. As representações sociais parecem ser uma das epistemologias que poderão ir ao encontro desse desafio que os conhecimentos situados permitem propor. Mas para tal é necessária uma explicitação mais clara do seu lugar no seio da psicologia social. Com este texto, permitimo-nos, pois, criar um lugar de diálogo entre essas duas abordagens, mas simultaneamente de crítica interna à disciplina, para lhe propor uma opção pelos saberes emancipatórios, como de resto a Teoria das Representações Sociais já tinha feito, com a centralidade que atribuiu à reabilitação dos saberes do senso comum. Com a polinização da teoria pelas alternativas que a crítica feminista à ciência propõe e a sua aplicação aos saberes psicossociológicos, cremos poder contribuir para este esforço de construir uma ciência mais inclusiva, mais implicada, mas também mais consciente.

Referências bibliográficas

- AMÂNCIO, Lígia. "Gender, Social Identity and Social Chang". In: AMÂNCIO, Lígia; NOGUEIRA, Conceição (Eds.). *Gender, Management and Science*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 1995.
- _____. "Género e assimetria simbólica: o lugar da história na psicologia social". In: LIMA, Luísa; CASTRO, Paula; GARRIDO, Margarida (Eds.). *Temas e debates em psicologia social*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. p. 111-124.
- _____. "Reflections on science as a gendered endeavour: changes and continuities". *Social Science Information*, v. 44, n. 1, p. 65-83, 2005.
- AMÂNCIO, Lígia; OLIVEIRA, João Manuel. "Men as Individuals, Women as a Sexed Category: Implications of Symbolic Asymmetry for Feminist Practice and Feminist Psychology". *Feminism & Psychology*, v. 16, n. 1, p. 35-43, 2006.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Spinsters Aunt Lute Books, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogical Imagination*. Texas: Texas University Press, 1981.

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Lisboa: Bertrand, 1949.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- CASTRO, Paula. *Natureza, ciência e retórica na construção social da ideia de ambiente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- CASTRO, Paula; GOMES, Isabel. "Genetically Modified Organisms in the Portuguese Press: Thematization and Anchoring". *Journal for the Theory of Social Behaviour*, n. 35, p. 1-18, 2005.
- CODE, Lorraine. "Androcentrism". In : CODE, Lorraine (Ed.). *Encyclopaedia of feminist theories*. New York: Routledge, 2000. p. 20.
- CONNELL, Robert. *Gender*. Cambridge: Polity Press, 2002.
- CSORDAS, Thomas. "Embodiment as a Paradigm for Anthropology". *Ethos*, n. 18, p. 5-47, 1989.
- DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1966.
- DESCHAMPS, Jean-Claude. "La double référence de la psychologie sociale". *Revue Suisse de Psychologie*, n. 48, p. 3-13, 1989.
- FARR, Robert M. *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Myths of Gender: Biological Theories about Women and Men*. New York: Basic Books, 1985.
- _____. *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. New York: Basic Books, 2000.
- FIRESTONE, Shulamith. *The Dialectics of Sex*. New York: Bantam Press, 1969.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982. Tradução portuguesa: *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1997.
- GRAUMAN, Carl. "The Individualization of the Social and the Desocialization of the Individual: Floyd H. Allport's Contribution to Social Psychology." In: GRAUMAN, C.F., and MOSCOVICI, S. (eds.). *Changing Conceptions of Crowd Mind and Behavior*. New York: Springer Verlag, 1986. p. 97-116.
- HARAWAY, Donna. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology and Social Feminism in the late Twentieth Century". In: HARAWAY, Donna (ed.). *Symians, Cyborgs and Women: the Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991a [1985]. p. 149-182.

- _____. "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective." In: HARAWAY, Donna (ed.). *Symians, Cyborgs and Women: the Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991b[1988]. p. 183-202.
- _____. *Primate Visions: Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*. New York: Routledge, 1989.
- _____. *Modest_Witness @ Second_Millennium. FemaleMan_Meets_Oncomouse*. New York: Routledge, 1998.
- HARDING, Sandra. *The Science Question in Feminism*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.
- _____. "Rethinking Standpoint Epistemology: What is 'Strong Objectivity'?" In: KELLER, Evelyn Fox, and LONGINO, Helen (eds.). *Feminism and Science*. Oxford: Oxford University Press, 1996[1993]. p. 235-248.
- HARDING, Sandra (ed.). *The Feminist Standpoint Theory Reader*. New York: Routledge, 2004.
- HOLTON, Gerald. *The Scientific Imagination: Case Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- HOOBS, Bell. *Aint I a Woman? Black Women and Feminism*. New York: South End Press, 1981.
- JESUÍNO, Jorge C. "Introdução". In: JESUÍNO, J. C. (Org.). *A comunidade científica portuguesa nos finais do século XX*. Oeiras: Celta, 1995. p. 1-10.
- JODELET, Denise. "Représentations sociales: un domaine en expansion". In: JODELET, D. (Dir.). *Les Représentations sociales*. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.
- JOVCHELOVITCH, Sandra "Social Representations, Public Life and Social Construction." In: DEAUX, Kay, and PHILOGENE, Gina (eds.). *Representations of the Social*. New York: Blackwell, 2001. p. 165-182.
- _____. "Rethinking the Diversity of Knowledge: Cognitive Polyphasia, Belief and Representation." *Psychologie et Société*, n. 5, p. 121-138, 2002.
- _____. "Psicologia social, saber, comunidade e cultura". *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 2, p. 20-31, 2004.
- JOVCHELOVITCH, Sandra, and GERVAIS, Marie-Claude. "Social Representations of Health and Illness: The Case of the Chinese Community in England." *Journal of Community and Applied Social Psychology*, n. 9, p. 247-260, 1999.
- KELLER, Evelyn Fox. "Feminism and science." In: KELLER, Evelyn Fox, and LONGINO, Helen (eds.). *Feminism and Science*. Oxford: Oxford University Press, 1996[1982]. p. 28-40.
- KNORR-CETINA, Karin. *The Manufacture of Knowledge*. Oxford: Pergamon Press, 1981.

- KUHN, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: Chicago University Press, 1962.
- LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. *La vie en laboratoire: la production des faits scientifiques*. Paris: La Découverte. 1988[1979].
- LONGINO, Helen, and DOELL, Ruth. "Body, Bias and Behaviour: A Comparative Analysis of Reasoning in Two Areas of Biological Science." In: KELLER, Evelyn Fox, and LONGINO, Helen (eds.). *Feminism and Science*. Oxford: Oxford University Press, 1996[1983]. p. 73-90.
- LORDE, Audre. *Sister Outsider*. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MARKOVÁ, Ivana. *Paradigms, Thought and Language*. Chichester: Wiley, 1982.
- _____. "Amédée or how to get Rid of it: Representations from a Dialogical Point of View." *Culture and Psychology*, n. 6, p. 419-460, 2000.
- MARQUES, António. "Os trabalhos da masculinidade: culturas ocupacionais sob hegemonia masculina". In: AMÂNCIO, L. (Org.). *Aprender a ser homem: construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p. 29-50.
- MILLETT, Kate. *Sexual Politics*. London: Virago Press, 1969.
- MOSCOVICI, Serge. "L'Homme en interaction: machine à répondre ou machine à inférer". In : MOSCOVICI, S. (Dir.). *Introduction à la psychologie sociale*. Paris: Larousse, 1972. v. 1. p. 59-81.
- _____. *La Psychanalyse: son image et son public*. 2. ed. Paris: PUF, 1976.
- _____. "Introduction: le domaine de la psychologie sociale". In: MOSCOVICI, S. (Dir.). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984.
- _____. "Preconditions for Explanation in Social Psychology." *European Journal of Social Psychology*, n. 19, p. 407-430, 1989.
- _____. "Why a Theory of Social Representations." In: DEAUX, K., and PHILOGÈNE G. (eds.). *Representations of the Social*. New York: Blackwell, 2001.
- MOSCOVICI, Serge; HEWSTONE, Milles. "De la science au sens commun". In: MOSCOVICI, S. (Dir.). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984.
- MOSCOVICI, Serge; VIGNAUX, Georges. "Le concept de thémata". In: GUIMELLI, Christian (Dir.). *Structures et transformations des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Nieslé, 1994.
- NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. "Metodologias feministas na psicologia social crítica: a ciência ao

- serviço da mudança social". *Ex-Aequo*, n. 11, p. 123-138, 2005.
- NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de género: perspectiva feminista crítica na psicologia social*. 1996. Tese (Doutoramento em Psicologia Social) – Universidade do Minho, Braga.
- _____. *Um novo olhar sobre as relações sociais de género: feminismo e perspectiva crítica na psicologia social*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001a.
- _____. "Construcionismo social, discurso e género". *Psicologia*, v. 15, n. 1, p. 43-65, 2001b.
- OLIVEIRA, João Manuel. *O evangelho da vida: representações sociais do aborto no discurso da Igreja Católica Romana*. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Organizacional) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Lisboa.
- OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lígia. "Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado". *Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 40, p. 45-60, 2002.
- OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lígia. *A análise do discurso das instituições: propostas para os estudos de género*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2004. (A ser publicado nas Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Família, Género e Sexualidade.)
- POPPER, Karl. *Conjectures and Refutations*. New York: Harper, 1962.
- RICH, Adrienne. "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence." In: GELPI, Barbara Charlesworth, and GELPI, Albert (eds.). *Adrienne Rich's Poetry and Prose: Poems, Prose, Reviews and Criticism*. New York: W.W. Norton, 1980. p. 203-224.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1988.
- _____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Afrontamento, 2000.
- _____. "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências". In: SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. Porto: Afrontamento, 2003. p. 735-770.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- _____. "Corpo presente: antropologia do corpo e da incorporação". In: ALMEIDA, M.V. (Ed.). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta, 1996. p. 1-22.

- _____. *Outros destinos: ensaios de antropologia e cidadania*. Porto: Campo das Letras, 2004.
- WILKINSON, Sue. "Theoretical Perspectives on Women and Gender". In: UNGER, Rhoda (ed.). *Handbook of the Psychology of Women and Gender*. New York: Wiley, 2001. p. 17-28.

[Recebido em outubro de 2005 e
aceito para publicação em junho de 2006]

Feminist Theories and Social Representations: Challenges of the Situated Knowledges for Social Psychology

Abstract: *This paper aims at analysing the contribution of feminist theories for the epistemology and methodological practices of the social sciences, namely of social psychology. Departing from the presentation of Third Wave feminist proposals and from the dialogical epistemology of social representations, we discuss the possibilities for a conceptualisation based on situated knowledges, for the development of emancipatory scientific knowledges. Hence, we will debate the way how situated knowledges and the challenges they pose can change scientific praxis in social psychology and in social sciences.*

Key Words: *Feminist Theories; Social Representations; Situated Knowledges; Social Psychology; Epistemologies.*